

---

## POR UM OUTRO MUNDO POSSÍVEL: ENTREVISTA COM O COLETIVO UTOPIA NEGRA AMAPAENSE

---

Entrevistadores

**William Lima Duarte<sup>1</sup>****David Junior de Souza Silva<sup>2</sup>**

Data de realização da Entrevista: 10 de janeiro de 2021.

Cidade de realização: Macapá, Amapá.

### APRESENTAÇÃO<sup>3</sup>

“O Coletivo Utopia Negra Amapaense é um grupo formado por jovens negras (os) moradores da periferia da cidade de Macapá e das comunidades quilombolas do Amapá. O grupo surgiu em maio de 2020, justamente nas manifestações pelos direitos das populações negras pelo mundo e no Brasil. Devido a questão da pandemia, acabamos por nos concentrar em um ativismo nas redes sociais e também no jornalismo. Criamos nosso site: <https://www.utopia-negra.com/>, para vincular fatos e reportagens sobre a população negra amapaense e, ao mesmo tempo, para tensionar discursos racistas que a mídia hegemônica reproduz sobre os grupos subalternizados.

Anteriormente à pandemia, muitos de nós fazíamos parte de outros coletivos, todavia, o debate racial nesses coletivos acabava por ficar em segundo plano. A utopia negra nasce justamente para tornar a negritude como centralidade do que pensamos necessário para o debate político no Estado do Amapá. Importante considerarmos que, boa parte dessa juventude negra da utopia é fruto do trabalho de décadas de luta do movimento negro nacional e estadual, ou seja, muitos no coletivo são oriundos das políticas de ações afirmativas, são os primeiros das suas famílias a se formarem em uma universidade pública. Logo, tentamos acionar um ativismo que mescla ciência e prática nos movimentos sociais.

Dessa forma, recebemos de bom grado o convite para conceder esta entrevista à Revista PRACS, pela importância desta ação no sentido de sistematizar e difundir informações sobre como os movimentos sociais amapaenses têm se organizado e surgido em um contexto histórico, político e econômico tão difíceis na história contemporânea no Amapá e no Brasil. Sendo assim, o movimento negro contemporâneo tem se mobilizado para exigir o fundamental – o direito à vida. E ao mesmo tempo buscar outras formas de organização política e autonomia para podermos transformar esta sociedade que historicamente é assentada no racismo estrutural, e retirar o véu do cinismo do racismo à brasileira e da branquitude.”

Coletivo Utopia Negra Amapaense

### 1 O que é o Coletivo Utopia Negra Amapaense? Qual o objetivo do Coletivo?

**Alícia:** O Coletivo é para além de um grupo, é um sentimento. Foi isso que acabou nos

---

<sup>1</sup> Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Amapá – UNIFAP.

<sup>2</sup> Professor da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP.

<sup>3</sup> Apresentação elaborada pelo Coletivo a pedido dos entrevistadores.

unindo e nos mantêm buscando um presente e um futuro melhor para os jovens negros do Amapá. O objetivo do Utopia Negra é romper o silêncio sobre a realidade da população negra no estado, mas não só isso, é também buscar de forma prática com que a nossa voz repleta de reivindicações seja ouvida por todos.

**Adrian:** O coletivo Utopia Negra é espaço imaterial de excelência preta que transborda e se materializa nas ações desenvolvidas, no debate e nos questionamentos de onde está e quais os papéis das pessoas pretas nas estruturas de poder. A nossa utopia se constrói a partir de uma perspectiva preta, que abrange elementos políticos, culturais, históricos, sociais e econômicos, numa articulação prática de transformação das realidades sociais.

**Cleiton:** Penso que, primeiramente, quando emerge qualquer movimento de emancipação negra, há sempre a necessidade de dizer o que é. Como se as palavras tendessem a capturar. Tu é isso? Ou tu é aquilo? Partindo da ideia que estamos em um mundo que foi produzido em cima da colonialidade. Definir-se é perigoso. Acho que a ideia da utopia negra amapaense é ser indefinido. A indefinição é uma estratégia política de sobrevivência. Quando se cria um movimento que pode estar em qualquer lugar e em qualquer corpo negro e todos podem ser líderes, conseguimos ter mais força diante de um sistema racial de opressão que tenta a todo custo eliminar os corpos negros.

Dessa forma, a utopia negra é uma ideia de transformação de mundo, de capturar o futuro e de conduzir esse futuro pela negritude. Toda pessoa negra amapaense é uma utopia. O objetivo do grupo é justamente questionar a seguinte afirmação: Como um Estado de maioria negra (mais de 70 %) tem uma ínfima representação política dentro das estruturas de poder? No meio empresarial, no judiciário, na mídia, no legislativo, executivo e meio cultural? Não que isso vá resolver toda a problemática da desigualdade racial, mas ocupar lugares onde a supremacia branca tem um domínio quase que absoluto, é uma forma de questionar como o racismo é operacionalizado na Amazônia.

E o racismo ocorre na Amazônia de uma forma cínica, ele se operacionaliza assim, e por si só ele é cínico, e a branquitude como grupo de privilégio racial performa esse cinismo muito bem. Mas, o cinismo racial, diferente dos outros, deixa um rastro de mortes, e essa tecnologia de extermínio mata pessoas negras. Achille Mbembe<sup>4</sup> no livro *Crítica da Razão Negra*, pontua de forma bastante assertiva que o racismo é uma tecnologia – concordo no sentido, e na palavra tecnologia – justamente porque o mundo contemporâneo se guia para um futuro onde a tecnologia garante um valor positivo máximo de "libertação" da humanidade diante das suas fraquezas humanas. Isso significa dizer que, o racismo como uma tecnologia, é aperfeiçoado em cada movimento de construção do mundo “moderno” ou desse mundo tal como conhecemos.

Em outro livro, *A Dívida Impagável*<sup>5</sup>, Denise Ferreira, chama atenção que esse mundo racista mais do que para ser reformado ou reconstruído, precisa ser necessariamente destruído. Logo, a utopia negra como um processo de criação de um outro mundo possível, mas em uma constante de desmascarar o cinismo do racismo no cotidiano (Grada Kilomba) perpassa para destruir o mundo racista tal como ele nos foi produzido. Se for para produzir outro mundo,

<sup>4</sup> MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Portugal, Antígona, 2014.

<sup>5</sup> FERREIRA DA SILVA, Denise. *A Dívida Impagável*. São Paulo: Oficina de Imagem Política e Living Commons, Casa do Povo, 2019.

que esse mundo seja negro (a), justamente porque a libertação do mundo encontra-se na mente, no coração, no afeto, na inteligência, na estética negra. A negritude como futuro e liberdade. E que fique escuro: a utopia negra não está inventando nada, estamos dentro de um fluxo ancestral e de outros movimentos negros que se organizaram anteriormente. Logo, estamos caminhando por uma estrada que já foi trilhada, o nosso papel é avançar, e construir outros caminhos possíveis.

Penso que dois caminhos podemos contribuir. O primeiro diz respeito ao uso das redes sociais como uma ferramenta antirracista potente e a criação de uma mídia preta no Estado do Amapá; a segunda diz respeito à questão que boa parte das pessoas que estão no Coletivo são frutos das políticas de ações afirmativas, sendo assim, é uma intelectualidade negra fruto dos movimentos negros das décadas de 70, 80 e 90.

Dessa forma, as políticas de ações afirmativas foram capazes de produzir um outro movimento intelectual negro contemporâneo que será atuante pelos próximos 15 ou 20 anos no Amapá. Essa prospecção é importante diante de tantas incertezas que atravessam a negritude, todavia, perpassa a uma incerteza fundamental - o direito à vida. O direito à vida será um grande obstáculo diante dessa nova intelectualidade negra amapaense. Justamente, porque temos a violência policial, as doenças silenciosas como a hipertensão e outras doenças crônicas, o desemprego, o racismo institucional, problemas psicológicos, a fome, falta de água potável, direito a moradia, logo, cuidar-se é uma ferramenta política importante diante de tantas tecnologias de extermínios que estão por volta da população negra.

**Isabelly:** O coletivo é muito mais do que uma união de jovens pretes, é um lance ancestral. Estamos caminhando na luta porque vários já caminharam por nós tentando reverter esse sistema em que infelizmente temos que viver. Nosso objetivo é levantar vozes pretas que são silenciadas a cada instante nesse país e, mais do que isso, levantar vozes pretas amazônidas em uma escala política, social, científica, artística, enfim, estrutural.

**Josué:** É um sonho quase que impossível em uma sociedade capitalista, racista e patriarcal, mas que vem sendo buscado incessantemente e se colocou como meta a tod@s nós. Uma busca pela não violência e morte de pretos e pretas do Amapá. É o encontrar-se descontente com toda violência institucional e estatal desde a década de 40 no Amapá, é a busca pelo direito fundamental de viver d@s negr@s, que implica no direito ao nosso povo de ter as terras que nossos antepassados lutaram para conseguir, isto implica em uma constante e latente ancestralidade sensível em nós. Para isso, entendemos que os negros não podem estar instrumentalizados e/ou apagados dos espaços de poder, como o "racismo estrutural" quer que sejamos, não admitimos mais nosso povo sofrendo e morrendo sem que o estado se responsabilize, e ainda por cima, seja o maior financiador do extermínio de nós negros e negras desse estado. Portanto, nosso objetivo é formar pretos livres intelectual e politicamente visando esses "espaços" para poder garantir o mínimo de dignidade ao nosso povo, "por todos os meios" (Malcom X).

**Welliton:** Utopia significa não-lugar. Utopia Negra Amapaense significa o não-lugar que negros e negras estão, mas também os lugares onde não estão no Amapá, especificamente. É o lugar onde devemos e queremos que nosso povo esteja. No caso, o lugar que não estamos são espaços de poder institucional, espaços de decisão política coletiva que refletem na vida

de pessoas negras e também brancas. Espaços de poder são representados pelas instituições do Estado burguês (Executivo, Legislativo e Judiciário); mas também por outros lugares onde a vida econômica coletiva dessa sociedade capitalista acontece, sendo nesses lugares onde muitas decisões políticas nascem, considerando-se a composição de quem está naqueles espaços institucionais: pessoas brancas e ricas de classes sociais economicamente seguras, diria. Esses lugares onde ocorrem as decisões “maiores”, ou seja, aquelas que trarão consequências significativas na vida das pessoas, sobretudo negras (no Amapá cerca de 70% da população é negra) não têm a representatividade coerente com a realidade racial do estado.

Historicamente, no Brasil negros e negras em decorrência do processo de escravização e formação econômica social, foram obrigados a ocupar lugares considerados subalternos. Isso se deu para se manter o domínio e poder racial branco e social burguês. No Amapá isso se reflete em toda a história do estado. O fato de hoje não existir representatividade negra nos governos, Câmara de Vereadores, Assembleia Legislativa, Judiciário, Ministério Público etc. coerente com a alta presença de pessoas negras na população amapaense indica que existe um domínio racial e de classe. O fato de o estado possuir baixos índices de desenvolvimento humano reflete, por sua vez, a incompetência de quem está no poder. Reflete ainda na realidade de pobreza, violência e inseguranças de todo tipo de quem vive nas periferias: a população negra, majoritariamente. Em termos macro, as condições de vida do povo negro amapaense são reflexos do sistema capitalista. Por isso, digo que representatividade só não basta. É necessário ir além.

O racismo é uma tecnologia sim, que está a serviço do capitalismo. Agora, o lugar onde a sociedade racista e burguesa amapaense nos quer, como pessoas negras, é nas notícias de assassinados pelas polícias, nas celas lotadas e insalubres do Instituto Penitenciário, nos canais de televisão quando famílias perdem seus poucos bens pelos alagamentos, nos feminicídios de mulheres negras, no desemprego que atinge o povo negro e a juventude negra... enfim, o lugar onde a branquitude e burguesia nos querem é no esgoto social, na obediência e no controle social. Um dos objetivos do coletivo, acredito, é questionar essa realidade social e econômica amapaense e brasileira. “Por todos os meios necessários”: mídias sociais, política, cultura, educação, institucional etc. Questionamos isso ao nos organizarmos, ao nos aquilombarmos. Questionamos todo o racismo e exploração capitalista quando nos organizamos em meio a essa verdadeira guerra social. O coletivo torna-se um espaço de poder, guiando-se nos exemplos das formas de organização do povo negro, da classe trabalhadora. Um espaço e possibilidades de educação e construção histórica através de transformação na realidade, de diversas formas. Quem compõem atualmente o coletivo são pessoas inteligentes e muito habilidosas.

E é nessas novas formas de luta onde homens e mulheres negras se encontram para lutar por dignidade, reparações e políticas públicas para o povo negro como forma de reparar o crime humanitário que foi a escravidão negra cometida pelo Estado brasileiro. E acredito que se combate racismo com solidariedade, justiça, afeto, respeito, reparações históricas. Como dizia Fred Hampton: combate-se com socialismo e unidade de classe e raça. Nossa utopia se faz no processo. E o processo pode ser lento, mas precisa seguir. A Utopia é voz ativa.

## 2. Quando e como o Coletivo foi criado?

**Cleiton:** A utopia negra materialmente surgiu dia 05 de junho de 2020, quando fizemos a nossa primeira *live*. O tema em questão foi como a esquerda progressista deixa a desejar quando o quesito é dar condições reais de candidaturas negras ganharem cargos no poder legislativo e

executivo, e que a esquerda e a direita acabam usando a população negra somente para voto, nunca para liderar.

Todavia, poderíamos elaborar outro mito fundador, o que mais me agrada, é que todas (os) que fazem parte do grupo já lutaram em outras guerras no passado, e isso nada mais é que a proteção e orientação dos ancestrais das guerras que estão por vir, logo, a população negra precisa se organizar, precisa se planejar e atuar de forma prática na busca pela disputa do presente e de como queremos construir o futuro para a negritude.

**Alícia:** O Coletivo foi criado em junho de 2020, e fui convidada a participar depois do primeiro mês de atividade do mesmo.

**Adrian:** Foi criado em junho de 2020. Particularmente, participo de maneira efetiva desde o dia 16 julho do mesmo ano.

**Josué:** O coletivo foi criado por inquietações de jovens intelectuais negr@s, em junho de 2020. E eu fui convidado em um ato contra a violência policial, a uma professora negra, que ocorreu na frente do comando da PM-AP. Foi onde me senti aquilombado por esta grande família que é a utopia negra amapaense.

### 3. Quais são as ações que o coletivo realiza? E quais os objetivos de cada ação?

**Alícia:** Como o Coletivo foi criado já em um contexto de pandemia, as ações iniciais foram realizadas de forma remota com a transmissão de *lives* sobre diferentes temas que estavam e ainda estão ligados às vivências das pessoas negras em âmbito nacional e local. Os objetivos das ações são estabelecer diálogo com a comunidade que nos acompanha.

**Adrian:** Desde que foi criado o coletivo tem atuado em algumas frentes, inicialmente com atividades de formação através de *lives* que abordam diversos temas ligados às vivências da população negra. Também existe a produção de textos jornalísticos para o site do coletivo. Nesses dois pontos os temas abordam assuntos como racismo, educação quilombola, patrimônio cultural, política, desigualdades sociais/raciais no Brasil, entre outros. Além disso, no período do apagão e seus desdobramentos também desenvolvemos uma série de ações humanitárias que atenderam a periferia da capital Macapá e a Zona Rural nas comunidades quilombolas.

**Cleiton:** Aqui encontra-se alguns eventos e atividades que realizamos: “Nota de repúdio de um caso de racismo recreativo envolvendo a nossa irmã Amanda Dias” – data: 11/07/2020; “Tu sabes fulano? Levou o farelo!” - (des) naturalizar a necropolítica da vida do (a) amapaense” – data: 13/07/2020; “Candidaturas negras no Amapá em 2014 e 2018” Por Nilson Gomes de Oliveira – data: 15/07/2020; “Afinal, o que é e qual a importância do FUNDEB?” – por Neto Medeiros – data: 20/07/2020; “(Re)significando espaços: vidas negras importam e a Fortaleza de São José de Macapá” – por Movimento Negro do Amapá” – data: 20/07/2020 “; “Gritaram-me negra: dia internacional da mulher negra e latino-americana e caribenha (25 de julho)” – por Benedita Alves – data: 25/07/2020; “Carta a um homem negro (vulgo meu pai): abandono e paternidade negra” – por Dàgalágbà (pseudônimo do escritor) – data: 08/08/2020; “Carta de repúdio dos Movimentos Negros Amapaenses” – data: 20/09/2020; “Nota de agra-



decimento e de continuação do chamado para a luta antirracista no Amapá” – data: 23/09/2020; “Carta à Sociedade Amapaense” – data: 24/09/2020.

As atividades da utopia negra, no início, concentraram-se em um progresso de narrativa e pedagogia, no sentido de reeducar pela negritude ou questionar o mundo pelo prisma dos conceitos que tenham a negritude como fundamento. Assim, realizamos *lives* sobre diversas temáticas que atravessam a população negra contemporânea, da desigualdade política ao colorismo, produção de ensaios e artigos jornalísticos no nosso site, acompanhamento jurídico e psicológico a vítimas do racismo no Amapá. Ainda não temos uma estrutura grande para atender em larga escala, fizemos acompanhamento de casos que acabaram por chegar até a gente, fizemos manifestações contra a violência policial e, no período do apagão, atuamos nas periferias e nos quilombos no período de crise humanitária levando água potável, alimentação e também coletando informações das populações negras para denunciar como encontram-se suas comunidades pelo estado do Amapá.

A utopia negra amapaense é um movimento que tem seu início em junho de 2020. Muitos fatores corroboraram para sua fundação enquanto um movimento negro da juventude preta, periférica, ribeirinha, quilombola e cotista independente. Pensamos que o nosso surgimento está ligado com o chamado da nossa ancestralidade. Precisamos nos organizar e levar a voz contra a opressão que o povo preto amapaense sofre há séculos. É inadmissível que um Estado de maioria negra, tenha pouca representação nas instituições de poder e seja desrespeitado na sua própria terra. Precisamos ter novamente o nosso destino nas nossas mãos.

O objetivo do coletivo é poder levar debates qualificados sobre a negritude e das mais diversas dimensões que perpassam a população negra local. Temos como metodologia de intervenção prática as redes sociais, Facebook, Instagram, Twitter, Youtube e o nosso site. Em cada uma dessas plataformas nos mobilizamos e divulgamos as nossas atividades. Nas redes sociais fazemos debates públicos sobre estética negra, cultura, afeto, política, representação, empreendedorismo negro, debates sobre políticas públicas de segurança pública. O site surgiu com o objetivo de podermos nos sentir representados enquanto minoria social, e poder travar um debate público e de qualidade sobre a opinião pública, já que a mídia tradicional acaba por deixar de lado demandas da população negra. Logo, o site utopia negra é um espaço de intervenção de um jornalismo preto e independente. As publicações que divulgamos vão do campo dos direitos da população negra à mobilização política contra a violência policial. Considerando essas dimensões, os nossos princípios políticos com a negritude amapaense são:

1. A utopia negra tem como princípio norteador servir unicamente a causa negra na dimensão dos seus direitos garantidos na Constituição. Mesmo que fazendo um diagnóstico, essa democracia burguesa liberal nunca sequer foi capaz de garantir na prática o direito à vida, ao bem-estar, à liberdade no sentido quilombola de uma vida plena.

2. Difundir e tensionar o imaginário coletivo do que vem a ser uma pessoa negra. Isso é necessário porque a mídia tem a capacidade de ainda reproduzir vários estigmas e discursos racistas sobre a população negra amapaense nos seus periódicos. Logo, o nosso site torna-se fundamental para podermos ganhar autonomia discursiva e estética de como queremos que nossas vidas, cotidianos e histórias sejam narradas.

3. A utopia negra tem como objetivo difundir o conhecimento local sobre a negritude. Seja na música, na oralidade, nas artes, no conhecimento acadêmico e científico, assim como, no saber popular dos nossos pretos e pretas velhas.

4. A utopia negra poderá fazer parcerias com outras organizações sociais, desde que, tenha

a negritude como fundamento e que busque transformar a vida do nosso povo.

5. Sobre as eleições partidárias ficará a cargo de uma votação com os membros do coletivo decidir se vão ou não participar das eleições, quando necessário aos interesses da negritude e da causa negra.

6. A causa negra, assim como o fenômeno político abolicionista, compreendemos como: lutar contra o racismo estrutural, contra o genocídio da juventude negra, contra o encarceramento em massa, contra o desemprego que atinge a população negra, contra o analfabetismo, contra a desigualdade educacional e econômica que atinge em maior peso as mulheres negras, lutar contra a homofobia que atinge a população LGBTQIA+, logo, atingindo as pessoas negras que fazem parte desse grupo, que tudo isso possa estar ligado com o compromisso ambiental, e principalmente, combater o racismo ambiental, e podermos elaborar iniciativas nas pontes e áreas de ressaca, podermos preservar as subsistências dos nossos quilombos no território do Amapá. Logo, é necessário como colocado por Denise Ferreira da Silva "A destruição como experimento de um processo anticolonial; a destruição do mundo que conhecemos como possibilidade de imaginação política"<sup>6</sup> e faz uma proposição de termos uma posição radical. "A luz negra como outra possibilidade de ler o mundo como conhecemos. A luz negra postulada na forma generativa, um conhecimento que demanda outras ferramentas para ser apreendido. A luminosidade da luz negra revela o que está oculto, transparente em conformidade com a norma. (...) Destruição como performance generativa de uma leitura abolicionista para o mundo. (...) A destruição como experimento de um processo anticolonial; a destruição do mundo que conhecemos como possibilidade de imaginação política".<sup>7</sup>

7. A utopia negra tem como objetivo também desenvolver, desde a juventude, a potencialidade criativa, política, social e psíquica dos membros do grupo. Precisamos criar e potencializar politicamente a juventude negra, formando assim, lideranças negras que possam atuar de forma qualificada na realidade da sociedade amapaense.

8. A utopia negra tem como papel, se possível, acompanhar casos que venham até nós, dando orientação jurídica, apoio psicológico, e que essa pessoa possa utilizar as nossas mídias para, caso seja necessário, possa se defender publicamente de ataques, como as *fake news*.

9. A cada 6 meses ou 12 meses a coordenação geral precisa passar por uma rotatividade da gestão, e as demais composições ficam em aberto se desejam ou não continuar. É fundamental que as coordenações possam dar mentorias, principalmente para jovens negros(a), para que ao longo do tempo consigamos nos fortalecer, e ter uma equipe assistente preparada a ocupar esses cargos.

A utopia negra é composta da seguinte forma atualmente: Coordenação Geral da Utopia Negra Amapaense / Secretariado Geral: Adrian Kethen Picanço Barbosa, mulher negra e quilombola, graduada em licenciatura em História pela Universidade Federal do Amapá, mes-tranda no Programa de Pós-Graduação de Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Amapá - PPGSA, com concentração em sociologia. E Alicia Miranda graduanda do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Amapá. Pesquisadora de gênero e história das mulheres, atuante nos movimentos sociais: Coletivo Não Vão Nos Calar que luta contra o assédio dentro da UNIFAP, da Frente de Apoio Emergência às Mulheres Vítimas de

<sup>6</sup> FERREIRA DA SILVA, Denise. A Dívida Impagável. São Paulo: Oficina de Imagem Política e Living Commons, 2019, p. 17.

<sup>7</sup> FERREIRA DA SILVA, Denise. A Dívida Impagável. São Paulo: Oficina de Imagem Política e Living Commons, 2019, p. 15-17.

Violência Doméstica-AP durante a pandemia da Covid-19 e integrante do Coletivo Utopia Negra Amapaense.

Coordenação de Comunicação e Assessoria: Rayane Penha é acadêmica do curso Jornalismo da Universidade Federal do Amapá, realizadora audiovisual amapaense e criadora e produtora executiva da produtora Catraia.

Equipe de Comunicação e Design: Augusto Flexa, graduando em Engenharia Florestal.

Coordenação Setorial de Mulheres Negras: Amanda Souza possui graduação em História é mestranda em História Social pela Universidade Federal do Amapá. Estuda relações de trabalho por meio da interseccionalidade de gênero, raça e classe.

Coordenação Setorial de Educação: formada também por Amanda Souza, juntamente com Higor Pereira que é licenciado e mestrando em História (PPGH/Unifap). Agente da Comissão Pastoral da Terra do Amapá; e Luana Darby Nayrra da Silva Barbosa é uma mulher preta amapaense, mestranda em Ciências Sociais - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP/FCLAr, graduada em Ciências Sociais - Universidade Federal do Amapá – UNIFAP.

Coordenação Setorial de Ciência e Tecnologia: Isabelly Ribeiro Guabiraba, acadêmica de Engenharia Florestal na Universidade do Estado do Amapá – UEAP, pesquisa a área de sociobiodiversidade em comunidades tradicionais ribeirinhas da Amazônia.

Coordenação Setorial Mercado de Trabalho: Benedita Sardinha, socióloga e professora na rede pública. Jurídico e Relações Públicas: Welliton Brasil, advogado. Cleiton Rocha, nortista, graduado em Sociologia, mestrando em Antropologia Social (PPGAS / UFRGS).

10. A utopia negra tem como projeção termos lideranças em cada município do Estado do Amapá. Logo, a utopia negra se compromete fazer mapeamento de jovens negros, fazer a capacitação, assessoramento, seleção, e poder que cada líder municipal monte uma estrutura de acordo com a coordenação geral para que possamos atingir o maior público possível negro e que possamos reconhecer a realidade do nosso povo preto.

#### **4. A sociedade brasileira é marcada pelo racismo estrutural desde sua fundação. Como o coletivo compreende os efeitos do racismo estrutural e como pensa seu enfrentamento?**

**Alícia:** Por ser um coletivo composto apenas por pessoas negras posso dizer que cada um tem vários episódios de racismo no cotidiano para exemplificar os efeitos do racismo em nossas vidas e até mesmo montar a partir disso um panorama da vivência de jovens negros amapaenses. Os efeitos do racismo são nocivos, determinam como os outros nos enxergam e chega a ser tão perverso que molda até a nossa própria percepção sobre nós mesmos. Em um estado como o Amapá, onde possuímos a polícia que mais mata no país, e levando em consideração que o “perfil” dos corpos que entram nessa triste estatística confirma a estrutura racista que nos rodeia, e uma das estratégias de enfrentamento do Coletivo frente a isso é denunciar sempre essas condutas, não nos silenciando e principalmente nos mantendo vivos e construindo redes de apoio que possibilitem a resistência de muitos irmãos e irmãs.

**Adrian:** O racismo estrutural coloca, nós, pessoas pretas no lugar do não-ser, da marginalidade, negando nossa existência e, conseqüentemente, toda nossa vivência e direitos na narrativa do Brasil. Nesse sentido, compreendemos que o enfrentamento do racismo estrutural se dá na prática de transformação da realidade social, na reafirmação das identidades e nas



disputas de narrativas, para que possamos ocupar os espaços de poder e fomentar articulações que garantam direitos e representem de fato as especificidades da comunidade preta amapaense.

**5. A pandemia do coronavírus atingiu de forma específica a Amazônia. No Amapá, diferentes grupos da sociedade civil se organizaram para enfrentar os efeitos da pandemia e tentar proteger a população da propagação do vírus. O Coletivo Utopia Negra Amapaense foi um destes coletivos. Como vocês avaliam que foi o e tem sido o impacto da pandemia sobre o Amapá e quais ações vocês realizaram para enfrentar a pandemia?**

**Adrian:** Os dados alarmantes do Covid-19 no Brasil se multiplicam devido a precariedade do sistema público de saúde e as ações genocidas do atual (des) governo da República Federativa do Brasil, isso se alia aos efeitos cotidianos do racismo estrutural que nos atinge, nos colocando em situação de vulnerabilidade na estrutura social. Aqui no Amapá, de forma específica, no auge da pandemia também sofremos com o apagão, e durante este período realizamos ações humanitárias de distribuição de cestas básicas, água, filtros de água e outros suprimentos para a população mais atingida, como uma estratégia de sobrevivência diante de uma situação extremamente hostil que o estado do Amapá viveu e ainda vive.

**6. Em novembro de 2020 o Amapá sofreu o apagão, que deixou 13 municípios do estado sem energia elétrica, afetando além do fornecimento de energia elétrica, os fornecimentos de água, alimentação e comunicações. Qual a percepção do coletivo sobre este apagão e seus efeitos sobre a sociedade amapaense?**

**Alicia:** O apagão sofrido pelo estado deixou bastante escancarado a vulnerabilidade, o descaso e o despreparo que a população amapaense enfrenta diariamente, governantes perdidos sem trabalhar para ajudar as famílias que estavam perdendo todos os seus bens. Medidas paliativas foram tomadas, mas sabemos que não serão suficientes. Em especial, o Coletivo percebeu que a parcela da sociedade amapaense que mais sofreu com esse acontecimento foi a negra e periférica, mostrando mais uma vez o quanto não é possível parar com a luta por cumprimento dos direitos básicos, que para essa população foi completamente negado durante os dias de apagão e posterior racionamento de energia.

**Adrian:** O apagão ocorrido em 2020 impactou a população amapaense de muitas maneiras, evidenciando as desigualdades sociais, como a falta de saneamento básico que assola periferias em quilombos, tal como a escassez de água potável, entre outros problemas. As ações humanitárias que realizamos no período do apagão funcionaram como paliativos breves, porém, mesmo agora depois que a crise energética foi controlada na maioria dos espaços urbanos, os territórios mais distantes da capital como é o caso das comunidades quilombolas, ainda estão sem energia ou com fornecimento precário.

Os problemas que aqui relatamos dobram sua proporção, e o estado se abstém de suas funções, invisibilizando as necessidades dessas populações. É necessário questionar como o estado está administrando os efeitos desta crise e pressionar, como já ocorre, para que políticas públicas sejam formuladas para atender as necessidades dessa parcela da população.

**Amanda:** O apagão sofrido pelo povo amapaense descortinou como aspectos sociais,

econômicos e ambientais nos impactam. Enfrentamos dificuldades principalmente em relação ao abastecimento de água, alimentos e outros gêneros de necessidades básicas. O Amapá sofre com abastecimento há décadas e o custo de vida do amapaense é muito alto. A população já estava enfrentando os impactos da pandemia de covid-19, e o apagão evidenciou ainda mais as necessidades econômicas e sociais do amapaense, principalmente das populações periféricas e quilombolas. Pequenos comerciantes perderam as suas mercadorias, e muitas famílias perderam toda a compra do mês. Muitas pessoas ficaram doentes com o consumo da água fornecida pela CAESA (Companhia de Água e Esgoto do Amapá), já que nas torneiras chegava uma água barrenta, que, infelizmente, as pessoas consumiam por não ter dinheiro para comprar água mineral. Como um estado que produz energia elétrica sofre um apagão e, a partir disso, ocorre uma crise de tamanho impacto? Um estado periférico como o Amapá, composto em sua maioria por uma população negra e localizado no norte brasileiro, está longe de ser prioridade para o Estado brasileiro, e para os próprios políticos locais que pouco fazem pelo estado.

### **7. O impacto da pandemia de coronavírus e do apagão foi desproporcional sobre a população negra amapaense. Como o coletivo compreende as razões e características deste impacto desigual e quais as estratégias para reverter este impacto?**

**Alícia:** A população negra amapaense já era invisibilizada pelo poder público do estado há anos. Tal descaso começa justamente com a retirada dessa população das áreas centrais da cidade na sua época de início de crescimento urbano para as zonas periféricas. Sendo assim, a população já vivia sob grande impacto do descaso em um contexto considerado “normal” para o resto da sociedade. Logo, é óbvio que houve um agravamento significativo na qualidade de vida da população negra, uma vez que as condições de sobrevivência foram suprimidas e por vezes até negadas (aumento do preço de produtos como água e comida). As razões que culminaram para a concretização desse panorama são frutos quase que exclusivamente do descaso do governo com a população e da sua incapacidade em fornecer medidas eficazes durante a situação.

Por isso, as estratégias do Coletivo durante o apagão foram de fornecer ajuda para o máximo de famílias, com a doação de água e cestas básicas; já a longo prazo pensamos no fortalecimento desses laços criados com as comunidades durante esse momento difícil para que consigamos dialogar sobre as questões que permeiam o cotidiano da população negra no estado.

### **8. Qual a visão do coletivo sobre o sentido ou sobre a representação do ser negro/a no Amapá?**

**Welliton:** O sentido e representação é relativo. Depende de quem observa e vive. Na realidade atual, onde existe o sistema capitalista com o racismo estrutural, o sentido e a representação de ser negro/negra no Amapá é ser alvo da violência estatal e privada. Isso é o que existe materialmente, de acordo com a vida de muitas pessoas negras (da minha, por exemplo) e dos índices de homicídios da juventude negra, de baixa formação escolar, desemprego, feminicídios, pobreza, não prestação de serviços públicos, violação de direitos sociais etc. Esse é o sentido para quem é negro. Basta perguntar para uma pessoa negra. Fato recente foi a violência policial cruel e covarde sofrida pela pedagoga Eliane Santos ao exercer sua liberdade de expressão e por pessoas negras durante o apagão, quando tais pessoas lutavam pela sobrevivên-

cia, exercendo o direito de manifestação.

Agora, o sentido invisibilizado de ser negro e negra no Amapá existe. Não existe uma obra pública que não tenha sido erguida por mãos negras. Não existiria cultura como a do Marabaxo, com a figura importante da Tia Chiquinha ou Julião Ramos e tantas outras pessoas e tudo que suas vidas representam. A sabedoria de Sacaca! Muito da história desse estado foi e é construída pelo ser negro. Ao partimos da realidade social de que mais de 70% da população amapaense é negra, afirmamos que ser negro no Amapá representa quem trabalha, quem produz cultura, quem sustenta esse estado.

Ser negro e negra é ser sobrevivente, diante das opressões como o próprio racismo, machismo, lgbtfobia desse sistema. Mas não apenas sobrevivente, mas também expressar a luta por outra humanidade possível, quando se toma consciência do ser. Para isso é necessário choques de consciência, educação política e muita sabedoria de vida. Dependendo do olhar branco, e na maioria das vezes, ser negro é ser alvo como disse, ser secundarizado, não ser sujeito de direitos e garantias. Mesmo que a letra fria e branca da lei diga o contrário. O que vale é a prática na vida concreta. A juventude sente o que é ser negro e o que isso representa. O homem negro sente. A mulher negra sente. A pessoa idosa negra sente. A pessoa com deficiência sente. A mulher e homem LGBTQI+ sentem. Para o coletivo seria necessário escutar cada pessoa e sua realidade. Como homem negro, busco sentir esse ser inevitavelmente, apesar das ilusões da vida. Entre o ser e dever-ser vou sendo, corrigindo as ideologias danosas construídas na minha consciência e sendo menos pior. Na tentativa de ser útil e deixar algo útil para que continuará a luta social contra esse sistema.

### **9. Qual a visão do coletivo sobre o estado das relações étnicorraciais no Amapá?**

**Welliton:** As relações étnicorraciais no Amapá são desiguais, permeadas por violência, hipocrisia, descaso e desrespeito. As instituições estatais não cumprem de forma eficiente (pelos meios previstos ou necessários) e eficaz (os fins previstos) para que seja alcançado o objetivo de diminuir o racismo estrutural que existe no estado. A mídia com mais meios de ser vista alimenta a ilusão de que não existe racismo diário e sistemático, que o movimento negro denuncia. E todos os dados sociais como os relativos à segurança pública denunciam. E, como ocorre no país em geral, o mito da democracia racial construído e mantido pela burguesia branca brasileira visa ocultar a realidade de tensão racial e social. Mas os inúmeros casos “isolados” de discriminação, violação da condição de sujeito de direitos e dignidade humana comprovam que as relações étnicorraciais no Amapá devem tomar outra direção, visando a igualdade racial e social. Conviver entre “raças” é a realidade inevitável. Logo, será necessário diálogo, crítica, mudanças efetivas e estruturais. E isso não ocorre sem conflitos.

### **10. Quais são os atuais desafios para a sociedade civil antirracista no Amapá?**

**Josué:** Os desafios são vários, mas em síntese para se ter uma sociedade antirracista, tem que se ter uma sociedade anticapitalista e antipatriarcal, que lute pelos direitos fundamentais dos mais vulneráveis e das minorias, e isso é uma luta constante, contra os padrões coloniais e todas as oligarquias que por aqui se instalaram e se perpetuam nos espaços de poder. O desafio é se organizar para desorganizar, desorganizar para organizar, formar nosso povo para a luta antirracista.

**Wellinton:** Organizar mais e mais pessoas negras para lutar contra o racismo e capitalismo.

Reeducar-se na luta por outras formas de sociabilidade.

**11. Como vocês avaliam que tem sido a atuação do estado do Amapá nas políticas públicas de enfrentamento ao racismo e promoção da cidadania da pessoa negra? Qual o impacto de se ter pouca representatividade negra na política amapaense?**

**Josué:** Quase nula. Em um estado em que mais se mata negros no país, que não atende o mínimo de saneamento básico, que não fornece água potável, que recém-nascidos morrem todos os dias na maternidade, que instrumentaliza alguns negros como forma de "inserção" nos espaços representativos, que apoia apenas poucos eventos negros, que não atende as principais reivindicações da população preta, é um estado que não enfrenta o racismo. Pelo contrário, na verdade ele é quem mais prática e corrobora com essa prática tão nefasta de excluir e matar pretos e pretas que tanto sustentam esse estado.

**Wellinton:** As políticas dos governos? Quase insignificantes. Apenas ainda na lógica de festejar uma negritude que se limite a funcionar como "uma negritude em dias de festa"; o governo "valoriza" a cultura apenas para cumprir tabela e cooptar lideranças comunitárias negras. A atuação funciona como moeda de troca e barganha com as lideranças políticas brancas e burguesas. De resto, a propaganda para enfrentamento e promoção da cidadania é até bem-feita. Mas nem tal área tem prioridade.

**12. Como o Coletivo vê a questão do racismo institucional e da necropolítica no estado do Amapá?**

**Josué:** Vemos como um plano de um estado policaresco que só investe em "segurança pública", área onde mais se tem concursos, não se investe em outras áreas, para que o jovem negro seja inserido no mercado de trabalho, visto que a maioria dos jovens estão desempregados. Isso corrobora com os altos índices de morte da população preta e periférica, pois sem o básico, que é água e alimento, a violência tende a aumentar. Sobre o racismo institucional, o judiciário Amapaense tem cumprido sua tarefa encarcerando a população preta, enquanto "passa pano" para políticos corruptos, e a elite que pratica crimes, ambas castas não são punidas. Nas escolas professores negr@s são perseguidos, sem o mínimo de condições de trabalho, suas greves são declaradas ilegais, e quando reivindicam direitos seus e dos alunos são punidos institucionalmente. Vimos nesse período o total descaso com a crise energética que abalou o estado que possui 3 hidrelétricas, mas não teve como garantir distribuição de energia, muitas pessoas morreram por esse descaso. Pessoas que precisavam de hemodiálise, bebês que precisavam de incubadoras entre outros transtornos psíquicos e materiais para a população. Vemos como os males que estamos a combater.

**13. Como vocês veem a situação da Amazônia como parte da sociedade brasileira? Como consideram que está a situação da cidadania em geral na Amazônia, e especialmente o tema da equidade racial?**

**Amanda:** A Amazônia é vista como uma colônia brasileira para o resto do país. Quando falam da Amazônia, de proteger a Amazônia e tudo mais, não consideram o povo amazônida, quem aqui vive e conhece as especificidades do lugar. No final, é importante preservar a floresta, mas as populações das cidades amazônicas, os povos tradicionais, os ribeirinhos, os povos indígenas e quilombolas, são excluídos desse processo.

**Isabelly:** A Amazônia é um bioma apenas visto para exploração de recursos naturais perante o mundo inteiro, as pessoas estão sempre preocupadas em salvar a Amazônia como biodiversidade e não param para ouvir pessoas que vivem na região, e que possuem voz. A negritude amazônica é esquecida até pela negritude do resto do Brasil, ninguém estuda sobre a gente e nos limita como pessoas sem conhecimentos, que não pertencemos a nossa etnia. Importante falar aqui também que nosso coletivo possui laços com a luta indígena também. Os indígenas precisam de voz!! ESTAMOS TODOS JUNTES.

**14. O que o Coletivo pensa da Universidade Pública no Brasil em relação ao papel desta no enfrentamento ao racismo?**

**Adrian:** A universidade é historicamente um espaço eurocêntrico, onde a educação superior por muito tempo nem sequer foi opção para a população negra. Da década de 1960 até aqui é que de maneira (muito) lenta e gradual começamos a habitar o espaço acadêmico e a partir disso, a produção científica sob uma perspectiva preta tem buscado descolonizar o ser e o saber através da educação, e mesmo assim, a universidade hoje rechaça as produções negras (epistemicídio) como forma de evitar que nós modifiquemos as estruturas, mas este é um processo que já está em curso e não tem volta.

A descolonização do saber, a formulação de uma educação antirracista que é produzida hoje dentro da universidade e extrapola seus muros através das narrativas pretas e seus pesquisadores e pesquisadoras militantes que buscam uma devolutiva de pesquisa na prática para seus iguais, tem fomentado uma geração com consciência racial, reafirmando esse processo de descolonização do ser, saber e poder. Desta forma compreendo que não é a universidade hoje que tem um papel no enfrentamento do racismo, pois essa estrutura ainda nos ignora, principalmente nos grandes centros, mas sim, os/as universitários/cientistas pretos/pretas comprometidos com a transformação da realidade social do seu povo.

**15. Continuando a pergunta anterior, como vêem a universidade pública na reprodução do racismo institucional? O que pode ser feito para mudar esse panorama?**

**Adrian:** As universidades seguem uma lógica branca, de organização, de conteúdo e de pesquisa. Hoje existe a promoção de políticas de acesso, mas poucas políticas de permanência, o que evidencia aí ainda uma desigualdade, que inviabiliza muitas vezes que pessoas pretas terminem seus estudos, e desconsiderar o fator da permanência é reproduzir o racismo institucional, assim como a formulação de projetos político-pedagógicos que não incluem epistemologias negras. É preciso racializar os debates dentro das universidades de maneira que atinja todos os seus setores organizacionais.

**Amanda:** Vejo a universidade pública como um exemplo claro de reprodução de racismo institucional. Na Universidade Federal do Amapá, por exemplo, o quadro de servidores, tanto técnicos quanto de professores, é majoritariamente formado por pessoas brancas. No caso dos professores, em especial, boa parte deles nem amapaense é. Mas quando os nossos olhos se voltam para os trabalhadores e trabalhadoras terceirizados, como auxiliares de limpeza e trabalhadores das obras da universidade, é lá que nós vemos uma maioria absoluta de pessoas negras. O povo negro tem que começar a ocupar esses espaços embranquecidos, porque ele pertence a nós também. Nos colegiados da universidade são contados nos dedos os professo-



res negros, queremos ocupar esses lugares também e transformar a universidade no lugar antirracista e negro que ela deve ser, especialmente no Amapá.

#### **16. Qual é a utopia que move o coletivo?**

**Amanda:** Uma sociedade livre de qualquer tipo de discriminação, em que a população negra viva sem ter medo de ser abordada na rua e sofrer violência policial e ser morta. Uma sociedade em que as mulheres negras não sejam sexualizadas e violentadas, onde as crianças negras possam vislumbrar um futuro sem que sejam atingidas por uma bala perdida e atravessadas pelo racismo, um lugar em que os homens negros não sejam vistos como bandidos como justificativa para serem oprimidos pelo Estado. Enfim, uma sociedade igualitária e que não seja marcada pelo racismo como é a sociedade brasileira atual.

**Isabelly:** Um lugar onde vidas pretas estejam no topo, onde mulheres pretas saiam da base da pirâmide e mulheres trans parem de morrer, onde jovens tenham oportunidades de educação, não alvos de violência policial; e que as crianças não tenham feridas tão graves marcadas pelo racismo estrutural do Brasil.

**Wellinton:** Uma sociedade onde se possa caminhar pelo dia ou pela noite sem ser alvo. Onde não exista insegurança alimentar. Onde uma criança negra possa ter direito à vida, a brincar sem ter a possibilidade de ser morta. Um lugar onde as reparações históricas que o povo negro tem direito sejam realidade. A revolução negra socialista contra o sistema capitalista. Uma outra sociedade humana menos desigual, sem raças e sem classe. Onde cada pessoa possa desenvolver suas potencialidades como ser humano.